



## **Imagem e Sensação: Análise das fotografias de violência no jornal Tribuna do Paraná<sup>1</sup>**

Andressa KALIBERDA<sup>2</sup>

Carlos Alberto de SOUZA<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

### **RESUMO**

O jornal curitibano Tribuna do Paraná figura entre os maiores periódicos do estado, com uma tiragem média de 30 mil exemplares diários, sendo o segundo de maior circulação. Caracterizado pelo teor sensacionalista de abordagem dos assuntos pautados, as fotografias são exploradas de forma a proporcionar maior visibilidade a assuntos tais como violência, morte, além de cenas de acidentes, que são vislumbradas na capa e, em maior intensidade, na editoria policial. Dessa forma, ao adotar métodos quantitativos e qualitativos, o presente trabalho procura identificar o tratamento dado pelo jornal a tais imagens de violência em seus mais diversificados âmbitos. Para tanto, foram analisados 48 jornais, no período de 01 de dezembro de 2010 a 23 de fevereiro de 2011.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotojornalismo, violência, ética, imagem, sensacionalismo

### **1 - INTRODUÇÃO**

O Jornal Tribuna do Paraná é editado em Curitiba, capital paranaense, desde 1956. Criado no dia 17 de outubro daquele ano pelo repórter Luiz Carlos Alborghetti nos fundos do jornal Estado do Paraná, possui hoje uma tiragem de cerca de 30 mil exemplares diários, contra 40 mil da Gazeta do Povo.

Firmado no tripé violência, sexo e futebol, o jornal tem como principais editorias as chamadas “De Letra”, voltada ao esporte, e “Segurança Pública”, onde são pautados diariamente assuntos relacionados a acidentes, morte e violência. O tratamento enfático dado a essas imagens está entre as principais características do periódico. Além da exploração das cores fortes, como o vermelho e preto, fotos de morte, acidentes e cenas chocantes, existem as legendas e títulos compostas de expressões chocantes que impressionam e chamam o leitor para o texto. Essa forma de fazer jornalístico vai de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no II 4 – Comunicação Audiovisual do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UEPG, email: [andressakaliberda@yahoo.com.br](mailto:andressakaliberda@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UEPG, email: [carlossouza2013@hotmail.com](mailto:carlossouza2013@hotmail.com)



encontro com aquilo que é aceito pelo Código de Ética do jornalismo brasileiro, já que fere seus preceitos fundamentais.

Barthes (1984, p.2) afirma que “a estrutura da fotografia não é uma estrutura isolada; ela comunica pelo menos com uma outra, que é o texto (título, legenda ou artigo) de que qualquer fotografia de imprensa vem acompanhada.”, entretanto, estas são estruturas independentes, que interagem no processo comunicacional, mesmo podendo ter significação independentemente de estarem acompanhadas umas das outras. Dessa forma, é necessário que cada uma dessas partes componentes da notícia seja estudada individualmente, de forma que se possa ter pleno conhecimento do conteúdo da mensagem transmitida por aquele meio. Dessa forma, o presente trabalho visa compreender quantitativa e qualitativamente o tratamento dado às imagens de violência no diário Tribuna do Paraná. Pretende-se verificar se o jornal apela para o sensacionalismo e morte a fim de atrair leitores e confrontar as atitudes do periódico com o Código de Ética dos Jornalistas, de modo que se possa ter clareza quanto às preocupações nesse âmbito quando se trata de publicar fotografias com temáticas voltadas a assassinatos, estupros ou acidentes na primeira página e na editoria de polícia.

Para tanto, foram analisadas imagens de capa e da editoria policial dos jornais entre 01 de dezembro de 2010 e 23 de fevereiro de 2011. A fim de categorizar as fotos encontradas, foi criada uma tabela, com base nas definições de violência de Wainberg (2005) e Michaud (1984 *apud* DIAS, 2003), com graus que variam de 0 – em que não há expressões de violência, a 5 – maior grau, com imagens de cadáveres e, em casos excepcionais, corpos mutilados. Os números encontrados foram cruzados entre si, gerando análise quantitativa quanto aos graus mais evidentes de violência, bem como qualitativa quanto ao destaque dado pelo periódico ao tema. Para uma análise mais aprofundada com relação aos conceitos técnicos utilizados, foram escolhidas duas imagens com diferentes graus de violência.

## **2 – VIOLÊNCIA E SENSACIONALISMO**

A aproximação do meio de comunicação com o leitor é fundamental no processo jornalístico. Entretanto, essa aproximação ocorre de acordo com as características do meio, bem como do público-alvo. Em jornais populares é comum a utilização do



sentimentalismo para atrair a atenção de leitor. A esses periódicos, é dado o rótulo de sensacionalistas. Amaral, (2005, p. 2) afirma que:

Entendemos que o sensacionalismo é historicamente recorrente e manifesta-se em vários graus e de diversas maneiras, por isso não devemos tratar do fenômeno *in totum*. Rotular um jornal de sensacionalista é enfatizar, de uma maneira geral, que ele se dedica a provocar sensações, prática hoje generalizada.

Pode-se dizer, portanto, que o sensacionalismo está presente de maneira geral no processo de produção jornalística, uma vez que a provocação de sensações é uma prática constante no cotidiano jornalístico. Desde as academias, aprende-se que o texto da matéria deve condizer com a realidade do leitor, ao que é dado o nome de humanização. Entretanto, essa maneira de construir a reportagem provoca sensações no leitor.

Para Pedroso (2001), o sensacionalismo é um modo de produção discursiva da informação de atualidade, processado “por critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, lingüístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação e construção do real social”. (p. 123). Os boxes que circundam as imagens e textos relativos à morte, acidentes, assaltos, entre outros crimes, bem como os títulos e legendas expansivos podem ser considerados elementos que supervalorizam assuntos que não mereceriam tais proporções, dando-lhes esse caráter sensacionalista.

Angrimani (1995, p. 16) diz: “Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento”. Dessa forma, Angrimani defende que o caráter de sensacionalismo está contido na mensagem, na forma como ela trata o tema que, em outros periódicos não seria pautado, ou o seria, mas de modo mais brando. Assim, pode-se dizer que quando um jornal trata a morte como espetáculo, ele sensacionaliza o assunto, tanto no sentido da visibilidade dada a um tema relativamente comum, quanto pela proximidade criada com o leitor.

Nesses periódicos chamados sensacionalistas, um dos temas mais explorados é sem dúvida, a violência. Ela é explícita nas imagens, chamadas de capa e nos textos. Entretanto, esse assunto não está presente apenas nesses periódicos. Angrimani (1995) defende que esses periódicos apenas explicitam aquilo que os ditos “não sensacionalistas” ocultam na forma editorial. A violência é intrínseca ao ser humano, como afirma Odália (2004; p. 13): “O viver em sociedade foi sempre um viver violento. Por mais que recuemos no tempo, a violência está sempre presente, ela sempre aparece



em várias faces”. Dessa forma, pode-se afirmar que a violência é um processo natural do convívio social.

Segundo Wainberg, (2005, p. 34) “A definição de violência mais referida na literatura especializada afirma ser um ‘comportamento agressivo com intenção de causar dano (físico ou psicológico) na vítima’”. Ou seja, para Wainberg, a violência pode ser definida como um ato intencional. A imagem pode ser violenta em várias instâncias e graus de intensidade. Ela pode ser agredir o sujeito retratado ou o espectador. Porém, segundo esse raciocínio, apenas a imagem em si não pode ser violenta já que o fato aconteceria independentemente da vontade ou não de se agredir quem terá acesso a ele. Somente quando há essa intenção é que há, de fato, violência. Já para Michaud (*apud* Dias, 1984, p.111), a violência pode ser entendida segundo o ato em si, ou a interpretação que se faz dele: “violência são os fatos tanto quanto nossas maneiras de apreendê-los, de julgá-los, de vê-los – ou de não vê-los”. Sendo assim, ela está não apenas no emissor, mas também no receptor da mensagem, ou seja, a forma como o indivíduo vê a imagem e a interpreta irá julgá-la violenta ou não. Isso acontece independente da intenção dos indivíduos atuantes.

Em se tratando de imagens, a violência pode ir além daquilo que o senso comum concebe como tal. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a violência transforma-se num dos principais assuntos pautados pelos meios de comunicação convencionais. Em jornais ditos sensacionalistas, ela se torna uma fonte principalmente de imagens, que atraem o leitor. Dessa forma, para que se possa analisar as imagens que pautam a violência no jornal Tribuna do Paraná, criou-se uma categorização, tendo como base as definições de violência de Wainberg e Michaud e tomando como partida as imagens encontradas nas páginas do diário Tribuna do Paraná, conforme mostra a tabela 1.

<b>GRAU DE VIOLÊNCIA</b>	<b>O QUE PODE APARECER</b>
1	Apreensões de drogas, armas, ofensa moral leve, etc
2	Ofensa moral grave / ferimentos leves / danos leves ao patrimônio / flagrante/reconstituição de crimes
3	Ferimentos graves / danos graves ao patrimônio / danos ambientais /



	poça de sangue
4	Insinuação de cadáveres
5	Cadáveres / pedaços mutilados de corpos

Tabela 1

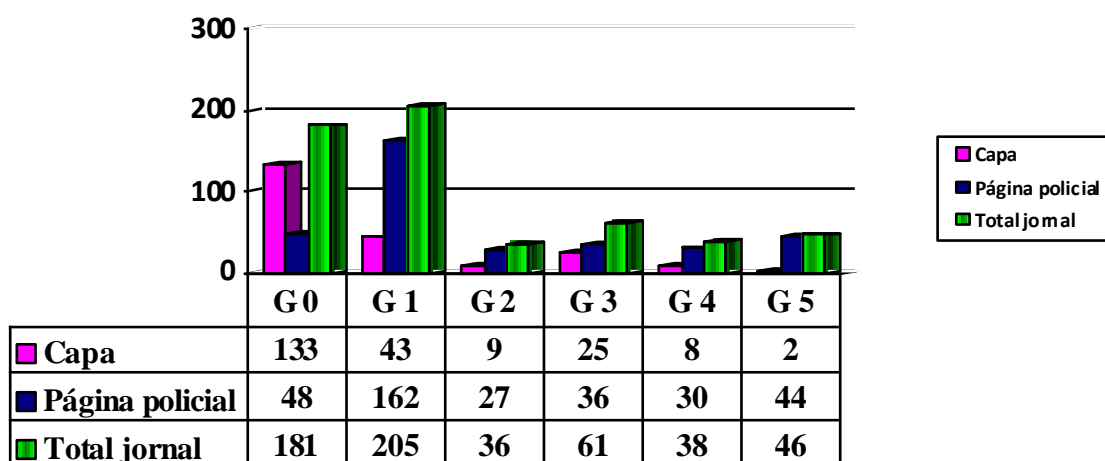
### 3 – A TRIBUNA EM NÚMEROS

Segundo os critérios já apresentados, foram analisados 567 fotografias do jornal diário Tribuna do Paraná. As tabelas com os dados apontam para os seguintes números: 68% das fotografias apresentam algum grau de violência, sendo a minoria, ou seja, cerca de 15%, na primeira página do jornal. A grande maioria (85% das imagens com grau de violência) estão inseridas nas páginas interiores, na editoria denominada “Segurança Pública”. 53% das imagens apresentam grau 1 de violência. A maioria é a fotografia de indivíduos suspeitos de algum crime, onde aparece seu rosto em primeiro plano com o distintivo da polícia ao fundo, o que pode denegrir sua imagem, já que a pessoa não é oficialmente culpada do ato noticiado. Também houve algumas imagens de armas e drogas apreendidos, porém, em menor valor quantitativo. 9% apresentam grau 2, sendo os motivos variados, entre danos leves ao patrimônio, como acidentes automobilísticos, ferimentos leves nos indivíduos e uma imagem de flagrante de um crime, captada por câmera de segurança, além de uma foto de reconstituição. Houve também 16% das fotografias com grau 3. Formada, em sua maioria, por imagens de ferimentos graves, danos ambientais e patrimoniais de alto nível, como queimadas e acidentes onde houve perda total dos bens, além de duas imagens com poças de sangue em primeiro plano. A categoria 4 apresentou 10% das imagens com algum grau de violência. Sendo que dessas, 78% estavam nas páginas interiores do jornal. O grau mais extremo da categorização, chamado grau 5, onde há como objeto cadáveres e pedaços de corpos mutilados, representou 12% das imagens. Porém, houve apenas 2 imagens dessas na capa do periódico. Apenas 32% de todas as imagens coletadas, entre capa e páginas policiais apresentam grau 0, ou seja, não possuem nenhum valor violento.

Das 347 imagens encontradas no interior do jornal durante o período coletado, as de grau 5 somam 44, ou seja, 13% das fotografias, sendo a 3ª mais

encontrada, atrás das de grau 1 (maior representatividade, com 46% do total) e as de grau 0, ou seja, sem cenas violentas presentes, que atingem um total de 14% das figuras. As de grau 3 são 10%, o grau 4 forma 9% e grau 2 vêm em último lugar com 8% do total. Quando se trata da capa do jornal, o número de imagens é inversamente proporcional ao grau de violência apresentado, ou seja, à medida que aumenta o grau categorizado, diminui o montante de imagens apresentado no periódico. A exceção é o grau 3 que apresenta 11% das imagens, estando em terceiro lugar nas figuras mais presentes durante o período. As de grau 0 somam 60% das fotografias da primeira página e geralmente tratam de assuntos esportivos ou sexo, formando o tripé de vendagem do jornal. Grau 1 vem em segundo lugar, com 20%, seguida pelas de grau 3, já citadas. Depois vem as imagens de grau 2 e grau 4, ambas com 4% das aparições na primeira página da Tribuna do Paraná. Em último lugar está a categoria 5, que soma 1% de todas as imagens da capa do jornal.

O gráfico a seguir mostra esses dados:



**Gráfico 1** – Número de ocorrências dos graus de violência nas imagens

Comparativamente, o jornal opta em expor maior número de imagens sem graus de violência na capa do que em suas páginas internas. Porém, as imagens de grau 3, é a mais explorada entre as violentas da primeira páginas, representando 11% das fotografias desse local, enquanto na editoria de Segurança Pública forma 10% do total. Diferença quase insignificante no que diz respeito à quantidade de imagens. Entretanto, quando se constata 40% das imagens da capa do periódico onde se está presente alguma



agressividade, seja em qualquer circunstância, pode-se afirmar que o apelo imagético é bastante forte no que diz respeito ao sensacionalismo.

A utilização de uma foto de cadáver na primeira página torna-se desnecessária no que diz respeito à difusão da notícia. Informações como essa podem ser retratadas de maneira mais branda, sem apelo visual que a foto oferece. Os personagens compositores da imagem oferecem caráter mais pessoal à mensagem, fazendo com que o leitor se aproxime da situação, dando à matéria caráter sensacionalista citado por Angrimani (1995).

Entretanto, a partir desses dados pode-se observar que o jornal opta pela concentração de imagens apelativas na editoria a que se refere o assunto, ou seja, nas páginas dedicadas aos assuntos policiais e de segurança pública. Havendo menor quantidade desses elementos na capa, lugar de primeiro contato do leitor. Porém, a parcela que está voltada ao grau mais alto, em geral, está envolta por boxes que lhes dão maior visibilidade, mesmo em páginas interiores. Na capa são usados grafismos em imagens de graus mais amenos, como dois, três e quatro. Essa forma de fazer é característica dos jornais populares, como afirma Amaral (2005, p. 3) “Outro equívoco muito comum ao tratarmos do sensacionalismo é simplesmente taxar o conteúdo dos veículos auto-intitulados populares de degradação cultural”. Mesmo usando de artifícios sensacionalistas para atrair o leitor, tais periódicos adéquam seu conteúdo a uma linguagem jornalística que agrada determinado público. Ou seja, sua mensagem está contida nos parâmetros culturais desses indivíduos, portanto, embora não se ajustando ao que é defendido pelo jornalismo convencional, o caráter jornalístico é inegável. Entretanto o fato de que alguns termos éticos que regem a profissão de jornalista são ignorados não pode ser deixado de lado, ao passo que tais atitudes atingem diretamente as fontes e a qualidade da informação recebida pelo leitor.

#### **4 – ANÁLISE DE CONTEÚDO**

A imagem pode ser considerada uma mensagem jornalística. Como tal, ela é formada por partes constituintes. Entre essas partes pode-se listar, segundo Barthes (1984) o texto, a legenda, o título, além dos objetos que compõem o cenário fotográfico e a pose dos personagens, que dão determinada significação à mensagem.

A totalidade da informação é portanto suportada por duas estruturas diferentes (das quais uma é linguística); estas duas estruturas são concorrentes, mas como as suas unidades são heterogêneas, não podem

misturar-se; aqui (no texto), a substância da mensagem é constituída por palavras; lá (na fotografia), por linhas, superfícies, tons. (p.2)

Cada um desses elementos compõe a mensagem fotográfica dão suporte à totalidade da mensagem. Dessa forma, cada um pode ser analisado separadamente, ou num contexto de maneira a dar sentido ao contexto da matéria jornalística. No caso da fotografia de violência, os elementos que dão tal significação ao contexto são mais acentuados, como títulos com palavras hostis, cadáveres ou pessoas em situações grotescas ou legendas agressivas. Esses elementos dependem da subjetividade do fotógrafo e da linha editorial seguida pelo periódico.

Sendo assim, os elementos componentes da fotografia estruturam um quadro que vai além da informação, buscando atrair os olhares do leitor à determinados pontos da figura. Isso se dá através da composição gráfica, o que pode atribuir maior ou menor juízo de determinado valor, como no caso, a violência. Esse grau é determinante na caracterização do jornal que publica a foto como sensacionalista ou não. Sobre isso, Sousa (2004, p. 65) diz que:

Barthesianamente, poderíamos considerar que entre os mais relevantes elementos potencialmente conferidores de sentido a uma mensagem fotojornalística se inscrevem o texto, insuflador de sentido à imagem, e os elementos que fazem parte da própria imagem, como a pose, a presença de determinados objetos, o embelezamento da imagem ou dos seus elementos, a truncagem, a utilização de várias imagens, etc.

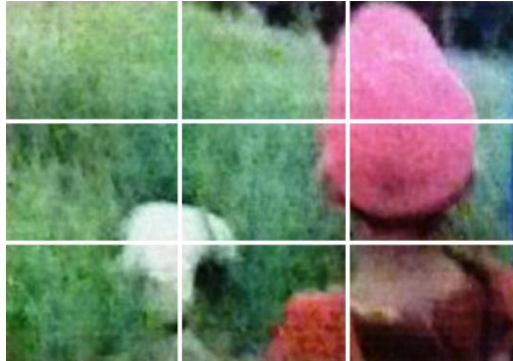
Ao apresentar um cadáver de forma evidenciada na imagem, o jornal confere-lhe certa mensagem que potencializa o fato retratado de forma a assumir determinado aspecto em relação ao acontecimento que pautou tal mensagem jornalística.

A figura 1, representativa do grau 5, presente em 13% das imagens do interior da Tribuna do Paraná, circulada no jornal do dia 15 de dezembro de 2010, mostra uma criança olhando os restos mortais de um indivíduo que foi encontrado morto. O título dado à notícia ilustrada por essa imagem é “Cadaver é encontrado por pescador em Colombo”. O texto da notícia contém informações a respeito do estado em que o corpo estava “Ele está de cuecas e com as calças nos pés.”, além de detalhes sobre como o corpo foi encontrado, dizendo que o pescador “fiscou o pé do cadáver”. Essa linguagem popularesca se aproxima do que era o extinto Notícias Populares, durante seu período mais ácido. A linguagem esdrúxula utilizada para repassar a fato ao leitor não corrompe a veracidade dos acontecimentos, entretanto, ridiculariza-os insuflando sentido grotesco e dando aspectos sensacionalistas a um fato cotidiano, mas que, tratado



sob a ótica dos parâmetros éticos que regem o fazer jornalístico deveria ser abordado mais cuidadosamente, visto tratar-se de assunto tão delicado como a morte.

**Figura 1**



Como se pode observar na figura, o corpo encontrado está enquadrado em um dos chamados pontos de ouro, - pontos de intersecção das linhas - guia que dividem a imagem de acordo com a regra dos terços - representante da supervalorização do mesmo. Embora esteja de costas, pode-se notar que quem está olhando a cena é uma criança. Ela está posicionada de forma a ocupar todo o terço direito da imagem. Sua roupa e boné vermelhos contrastam com o verde do mato e com a figura do cadáver, criando uma harmonia no que diz respeito à coloração da imagem.

O capítulo III, do Código de Ética dos Jornalistas fala da responsabilidade profissional. “O jornalista não pode divulgar informações de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de acidentes”. Nesse caso a Tribuna do Paraná vai totalmente de encontro a esse parágrafo, desrespeitando os princípios morais mais básicos que regem a profissão.

Mesmo que o foco principal seja o homem encontrado morto, a imagem de uma criança observando o corpo cria uma dramaticidade na cena, provocando sensações no leitor. Essa promoção de sentidos é característica de jornais ditos sensacionalistas, conforme afirma Camargo (2003, p. 10):

Tratamos como sensacionalista a presença de informações que não se justificavam jornalisticamente, bem como a presença de uma construção narrativa que parecia objetivar a aproximação entre leitor, fato e personagens da notícia, além de causar sensações como a solidariedade e a idéia de cotidianidade ao leitor.

A criança configura um personagem desnecessário na construção fotojornalística. Ela não acrescenta em informação. Porém, a figura infantil desperta a

solidariedade do leitor, provocando no mesmo o sentimento de proximidade com a situação retratada, o que pode ser uma estratégia de venda.

Por outro lado, dentre as imagens de cunho violento, o grau mais presente é o chamado Grau 1. Pode-se observar que em sua maioria, essa categoria apresenta imagens de pessoas que são suspeitas de cometer crimes, mesmo que não hajam sido condenadas ou sequer julgadas legalmente. Grande parte são fotografias de plano fechado, como o exemplo da Figura 2:

**Figura 2**



Com título “Dá golpe do consórcio com ajuda da mãe”, essa notícia ainda acusa a mulher de tentar fugir. Já no corpo do texto, a moça é apontada como suspeita de crimes e não como acusada ou culpada, como podem sugerir as chamadas. O parágrafo VIII do Art. 6º, diz que “é dever do jornalista respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão”. Quando da divulgação de imagens do tipo 3x4 nas páginas policiais, seguido de títulos desse cunho, o jornal decreta a culpa por qualquer crime de quem está sendo retratado. Com isso, pode-se desconsiderar o papel do jornal quanto à preservação dos princípios éticos e deontológicos que regem a profissão.

A imagem não possui grandes recursos de enquadramento ou iluminação. Ela é simples, com características comuns a qualquer fotografia do formato 3x4 no que diz respeito a seu aspecto técnico. Souza (2004, p. 68) diz: “Entra-se no domínio da composição quando se fala da disposição dos elementos da fotografia tendo em vista a obtenção de um efeito unificado, que, em princípio, é a transmissão de uma idéia ou sensação.” Dessa forma, o caráter simplista da imagem transmite a atenção para o objeto/indivíduo registrado. Ou seja, não são exploradas composições diferentes porque



não há necessidade no que diz respeito à intenção do jornal em destacar a fisionomia do indivíduo. Essa atitude do periódico cria um estereótipo em torno do indivíduo, marcando-o perante a sociedade como criminoso, mesmo que não o seja.

## **5 – Considerações finais:**

Embora as imagens classificadas como de grau 5 representem apenas 12% das fotografias sobre o tema, ao contabilizar todas as fotos com algum grau de violência, estas formam 68% das imagens, o que marca o viés sensacionalista do Tribuna do Paraná. Mesmo não sendo maioria na capa, as imagens sobre morte, acidentes e outras desgraças humanas aparecem destacadas por outros elementos insufladores de sentido e se apresentam na primeira página como forma de chamar atenção para a editoria de Segurança Pública. Nessas páginas as fotos aparecem com maior frequência e em graus maiores, denotando a despreocupação com a preservação dos indivíduos retratados, já que, quanto mais fortes forem as imagens, maior destaque recebem, seja por meio de fotos maiores, seja através de recursos como box os títulos garrafais e em linguagem esdrúxula, como já foi apresentado.

O título e os recursos gráficos servem como complemento à foto na tentativa de extrair sensações dos leitores, trazendo-o para o texto e tentando prendê-lo na leitura com detalhes minuciosos acerca dos fatos retratados. Essa característica do jornal fortalece seu cunho sensacionalista, sempre supervalorizando assuntos referentes à morte, de desgraças humanas e sociais. A preferência editorial em ressaltar tais fatos demonstra que, antes de qualquer coisa, a intenção do veículo é fisgar o leitor e, com isso, aumentar a venda de jornais.

Na visão dos teóricos do jornalismo e do fotojornalismo, essa forma de fazer notícia acaba comprometendo a credibilidade do jornal, impedindo o desenvolvimento do jornalismo, de um fotojornalismo, sério e de qualidade, uma vez que a preocupação primeira está em ressaltar o grotesco, atípico e demonstrar como o mundo – em especial o Paraná – está se tornando um lugar cada vez mais perigoso de se viver. Entretanto, o caráter sensacionalista pode não representar uma desvalorização cultural, no sentido das imagens ou abordagens textuais utilizadas, mas o desrespeito aos valores éticos comprometem não só o periódico em questão, mas os leitores que se submentem a absorver tais informações sob esse viés e as fontes, que são tratadas como meros personagens de um espetáculo da vida que é vendido a preço de banana.



## REFERÊNCIAS

AMARAL, Marcia F. **Sensacionalismo, um conceito errante**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1-13, julho/dezembro 2005.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

\_\_\_\_\_. **A Mensagem fotográfica**. 1984. Disponível em: [acervovis.org/pdfsfoto/RBarthes.pdf](http://acervovis.org/pdfsfoto/RBarthes.pdf)

CAMARGO, Aline C. **Contextualização, Objetividade e Sensacionalismo na Cobertura Jornalística de Direitos de Crianças e Adolescentes**. In: Intercom, XVI, 2011. São Paulo/SP. Anais,

FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Vitória, 2007. Disponível em: Federação Nacional dos Jornalistas.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Ana R. F. **O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular**. São Paulo: Cortez, 2003.

KARAM, Francisco J. C. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

OLIVEIRA, Erivan M.; VICENTINI, Ari. **Fotojornalismo: uma viagem entre o analógico e o digital**. São Paulo: Cengage Learning, 2009

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

SODRÉ, M; PAIVA, R. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOUZA, Jorge P. **Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.